

Fatecs

Egressos conquistam mercado internacional

Págs. 4 a 7

Entrevista

**Takashi Morita:
sobrevivente de Hiroshima
e patrono de Etec**

Págs. 8 e 9

De olho no mundo

Em um planeta cada vez mais conectado, já não basta preparar os jovens para conquistar um lugar no mercado de trabalho com visão restrita à cultura e à economia locais. Em todos os campos, eles terão, sempre, interfaces com profissionais, projetos e empresas de outro canto do mundo, com quem irão dividir pesquisas, trocar experiências e, quem sabe, até obter uma oportunidade de contratação.

O Centro Paula Souza (CPS) leva em conta essa demanda globalizante e procura desenvolver currículos e estimular práticas pedagógicas cada vez mais voltadas a formar profissionais capazes de atuar em qualquer país, de qualquer continente. Na reportagem de capa desta edição, você vai conhecer as estratégias e as opções oferecidas a nossos alunos das Faculdades de Tecnologia (Fatecs), que firmam variadas parcerias com instituições estrangeiras. Egressos que passaram por nossos bancos de estudos e hoje são funcionários de empresas nos Estados Unidos e na Europa contam suas trajetórias de sucesso.



Laura Laganá recepciona o secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação, Vahan Agopyan (foto superior à esq.), que assumiu como membro titular do Conselho Deliberativo

Ainda nesta edição, uma emocionante entrevista sobre o patrono da Etec Takashi Morita, localizada no bairro de Santo Amaro, na Capital paulista. Nascido em Hiroshima, Japão, Morita é um sobrevivente da hecatombe provocada pela bomba atômica lançada pelos Estados Unidos em 1945. Em março, ele comemorou seus 99 anos com um bolo repartido com toda a comunidade escolar. Sua filha, a historiadora Yasuko Saito, conta a sua história.

Conheça também a iniciativa que leva formação profissional a pessoas que cumprem pena em unidades prisionais. Fruto de uma parceria entre o CPS e a Secretaria de Administração Penitenciária, os cursos – na área de culinária – tiveram o número de vagas ampliadas em 2023, atendendo até mesmo familiares de detentos.

Boa leitura!
Laura Laganá
 Diretora-Superintendente



Esta Revista é uma publicação do Centro Paula Souza, vinculado à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo

Diretora-Superintendente

Laura Laganá

Vice-Diretora-Superintendente

Emilena Lorenzon Bianco

Chefe de Gabinete

Armando Natal Maurício

Edição e reportagem • Áurea Lopes

(Giusti Comunicação)

Projeto gráfico • Ana C. La Regina

Editoração • Ana C. La Regina

Capa • Imagens: freepik.com

Jornalista responsável

Dirce Helena Salles - MTB 11.629

Assessoria de Comunicação - AssCom

Jornalistas • Ana Paula Miranda, Cristiane Santos, Cristina Dantas, Fabio Berlinga e Giusti Comunicação

Designers • Ana Carmen La Regina,

Diego Santos, Felipe Menegozzi,

Fernando França e Marta Almeida

Núcleo de Informações • Roberto Sungi

Secretaria • Raul Albuquerque

Redação

Rua dos Andradas, 140 - Santa Ifigênia

01208-000 - São Paulo - SP

Tel.: (11) 3324-3300

revistacps@cps.sp.gov.br

 www.cps.sp.gov.br

 [centropaulasouzasp](https://www.facebook.com/centropaulasouzasp)

 [paulasouzasp](https://twitter.com/paulasouzasp)

 [centropaulasouza.tumblr.com](https://www.tumblr.com/centropaulasouza)

Revista Centro Paula Souza - versão digital



Ação de coleta de doativos, na Etec Alberto Santos Dumont

A serviço da comunidade nos momentos adversos

Somando-se à comoção nacional em torno do desastre que assolou o Litoral Norte do Estado de São Paulo, em fevereiro, o Centro Paula Souza (CPS) e diversas Escolas Técnicas (Etecs) e Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais promoveram ações de solidariedade e apoio aos trabalhos de recuperação dos danos provocados pelas chuvas. Algumas unidades pertencem a regiões fortemente prejudicadas, embora não tenham sido atingidas, como a Etec e a Fatec de São Sebastião; e a Etec Alberto Santos Dumont, no Guarujá.

Alunos, professores e servidores de toda a instituição se articularam para coletar doações de água potável, alimentos não perecíveis, colchões, lençóis, cobertores, roupas, calçados, produtos de higiene e de limpeza. Cerca de 30 unidades de ensino de todo o Estado, mais a administração central, se mobilizaram em campanhas e mutirões em favor das vítimas, inclusive com arrecadação de dinheiro.

No Guarujá, o socorro foi muito rápido. Os estudantes da Etec já estavam reunindo doativos para uma gincana anual e imediatamente encaminharam o que haviam recolhido para os moradores do bairro de Morrinhos, um dos mais populosos da cidade, castigado pelos temporais. E não pararam por aí. “Em um dia, entre as nove horas da manhã e uma da tarde, eles conseguiram 186 quilos de alimentos e 4 caixas de roupas”, conta Max Willafan, coordenador do Ensino Médio.

Próximo às áreas mais prejudicadas, na cidade de São José dos Campos, não é de hoje que a preocupação com as catástrofes da natureza fazem parte dos con-

teúdos educacionais no CPS. A Fatec Prof. Jessen Vidal já formou mais de 600 profissionais no curso de extensão em Logística Aplicada a Operações Humanitárias e Desastres Naturais. Agentes de Defesa Civil, Corpo de Bombeiros, Polícia Militar, Cruz Vermelha, organizações não governamentais (ONGs) e estudantes interessados nesse tema são habilitados a atuar em calamidades, utilizando ferramentas que ajudam na tomada de decisões e colaborando com aspectos de logística, como recepção, triagem e distribuição de doações.

Vera Lúcia Monteiro, uma das coordenadoras do curso, conta que a Fatec São José dos Campos tem um convênio com a Casa Militar que propiciou a criação do Centro de Estudos e Pesquisas Sobre Desastres, com sede na Fatec. Em parceria com a Defesa Civil, a Fatec também desenvolveu, em 2021, um aplicativo que emite alertas, em tempo real, sobre condições adversas de clima, riscos de deslizamentos e dá indicações de rotas seguras e pontos de abrigo.

Outra iniciativa importante no controle das tragédias ambientais é o *e-book* Redução do Risco de Desastres e a Resiliência no meio Rural e Urbano, produzido pela Etec Astor de Mattos Carvalho, de Cabrália Paulista. A segunda edição, lançada em 2020, está disponível para *download* gratuito. Entre os artigos, um estudo da Fatec São José dos Campos sobre a importância da Comunicação e o papel da Tecnologia da Informação na gestão de riscos de desastres. O trabalho foi um dos 50 selecionados de autores do Brasil e de Portugal para a publicação. ■

Preparados para ser os global workers

Basta dar um giro pelo noticiário sobre as relações no mundo de trabalho para constatar que as oportunidades de ultrapassar fronteiras e viver em um país estrangeiro estão em franca expansão.

- Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que, entre 2010 e 2020, houve um crescimento de 35% no número de brasileiros no exterior.

- Levantamento feito pela Fragonmen, multinacional de imigração que atua no Brasil, concluiu que, de 2021

para 2022, aumentou em 51% a quantidade de pedidos de assessoria para vistos de permanência em dez países.

- Pesquisa da *startup* de câmbio Husky divulgou que o número de profissionais que vivem no Brasil e trabalham para companhias no exterior subiu 491% entre 2020 e 2022.

Pois é. O que antes era um sonho quase impossível, torna-se cada vez mais viável com a globalização e com a comunicação digital, em especial no pós-pandemia, quando aprendemos a transitar pelo universo virtual. Muitos jovens conhecem bem essa possibilidade. Por isso, já ficam de olho em conquistar uma chance no mercado internacional desde os bancos escolares.

Igualmente sintonizadas com essa realidade, as Faculdade de Tecnologia (Fatecs) do Centro Paula Souza (CPS) lan-

Felipe: de Santo André a Stuttgart, Alemanha, trabalhando na indústria automotiva

çam mão de diversas estratégias para fazer de seus formandos os chamados *global workers*, os trabalhadores globais. Por serem brasileiros, parece que eles já saem com uma vantagem, diz Felipe Coutinho, ex-aluno da Fatec de Santo André, que hoje vive na Alemanha: “O brasileiro se destaca pois está acostumado a multitarefas, tem mais ritmo, é capaz de encarar diferentes demandas simultâneas. Ou seja, é mais preparado para o que der e vier”. A Alemanha, segundo a consultoria Global Mobility, consta entre os países que mais contratam brasileiros, ao lado de Austrália, Canadá, Estados Unidos, Irlanda, Japão e Portugal.

Felipe formou-se tecnólogo em Eletrônica Automotiva e fez também a graduação em Engenharia Elétrica. Ao sair da Fatec, começou a trabalhar em uma multinacional fazendo diagnósticos automotivos. Nessa empresa, viajou a vários países para treinamento. O emprego seguinte foi em uma grande montadora de veículos alemã. Passou ainda por outros empregos até meados de 2022, quando assinou contrato com uma companhia de tecnologia em Stuttgart, conhecido polo industrial no sudoeste germânico. “Agora atuo em um projeto de gerenciamento de energia do *infotainment* dos veículos Porsche. Trata-se de um sistema de comunicação de direção inteligente e de entretenimento”, conta.

Outro fatecano que botou um pé no exterior antes mesmo de pegar o diploma de tecnólogo foi Bruno da Silva Melo, egresso da Fatec Pompeia – Shunji Nishimura. Aluno de Mecanização em Agricultura de Precisão, ele tinha planos de terminar a faculdade e fazer um estágio no exterior. No entanto, às vezes existem pedras pelo caminho que temos de transpor. “Em



Rafael: fazendo carreira em uma gigante do automobilismo, em Gotemburgo, Suécia

2014, faltando seis meses para terminar a Fatec, perdi meu emprego. Tive de trancar a matrícula por um tempo”, conta. Só que, antes dele trancar a matrícula, uma empresa esteve na Fatec para apresentar seu programa de estágios. Ele se candidatou e foi aceito para o ano de 2015.

Bruno estagiou na Treasure State Green, uma fazenda de produção de grãos que fica na cidade de Brockton, em Montana, Estados Unidos. Empresa que o contratou e onde trabalha atualmente – agora de posse de um *green card* – gerenciando processos de plantio, pulverização e colheita de grãos, como mostarda, lentilha, canola, entre outros. Ele terminou o curso na Fatec em 2016, faturando o prêmio de melhor aluno da turma. Hoje mora na fazenda, com sua esposa: “Estou muito bem aqui mas, a médio prazo, pretendo ir além. Quem sabe trabalhar em uma companhia agrícola em uma cidade maior.”

Aproximar universidade e empresas estrangeiras de estudantes brasileiros é uma das estratégias de formação profissional do CPS que crescem a cada ano. Desde 2016, a internacionalização do ensino na instituição ganhou novo patamar, com a criação da Assessoria de Relações Internacionais (ARInter), que propiciou o desenvolvimento de diversas iniciativas. Entre elas, o Programa de Mobilidade Internacional Paula Souza (Promaips), implantado em 2016, que garante vaga em uma instituição estrangeira sem ▶

o ônus de taxas acadêmicas ou mensalidades. O Promaips representa 42,9% do total de vagas ofertadas em programas de mobilidade. Outras parcerias foram firmadas com o programa Bolsas Santander IberoAmericanas e o Santander Top Espanha. Os alunos dispuseram de mais de 300 vagas em cursos no exterior, majoritariamente para destinos na Europa e na América do Sul. Mais da metade (54%) dos intercambistas fizeram um semestre letivo em outro país.

DO YOU SPEAK ENGLISH?

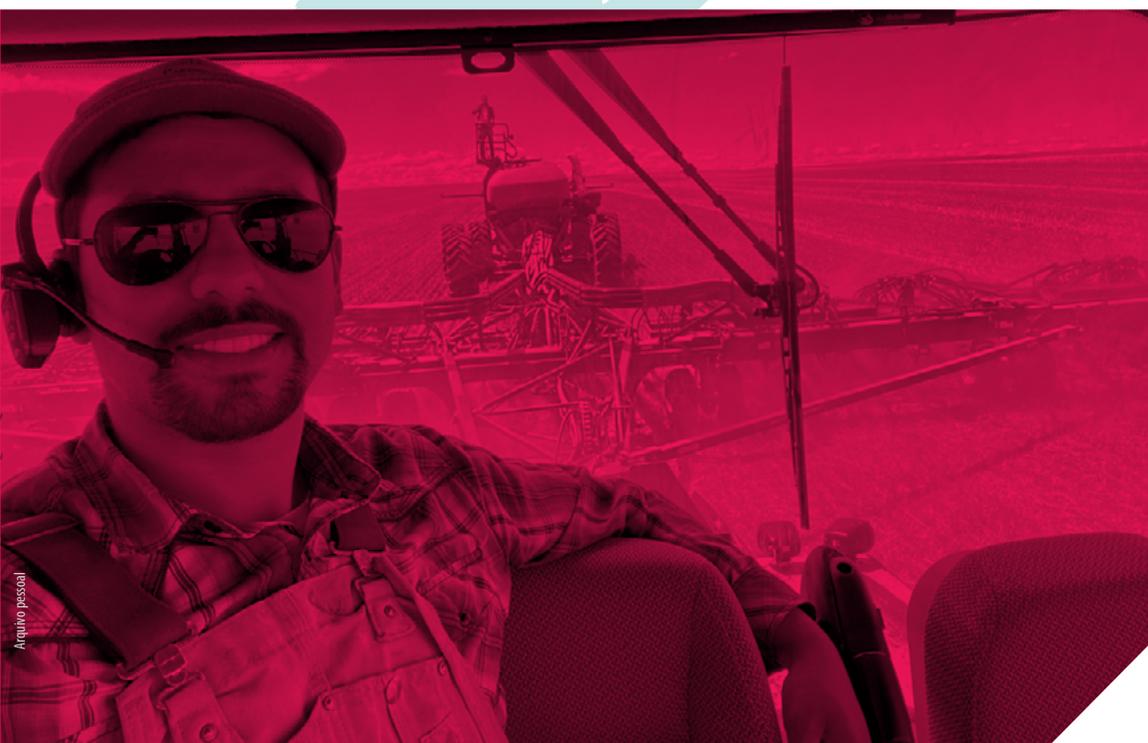
Uma das iniciativas abrigadas institucionalmente pelo CPS em 2012 levou Gabriel Silva de Oliveira à Carolina do Norte, nos Estados Unidos: o programa federal Ciências sem Fronteiras (CsF) oferece um ano de graduação “sanduíche” – parte do curso é realizada no Brasil e parte no exterior – para estudantes que dominam uma língua estrangeira. Aluno de Eletrônica da Escola Técnica Estadual (Etec) Professor Horácio Augusto da Silveira, da Capital, Gabriel também

fez dois cursos superiores de tecnologia na Fatec São Paulo: Materiais, Processos e Componentes Eletrônicos que agora se chama Microeletrônica; e Análise e Desenvolvimento de Sistemas.

Hoje ele estuda e trabalha na Universidade Estadual da Carolina do Norte, onde passou uma temporada pelo CsF, e da qual recebe uma bolsa para se manter na cidade de Raleigh, capital do estado. “Faço doutorado no campo da tecnologia educacional. Quero seguir na carreira de educador nessa área. Minha pesquisa é dedicada a apoiar os estudantes de programação porque muitos desistem logo no primeiro ano”, relata. O trabalho na universidade se dá em duas frentes: como professor de programação em Java para turmas iniciais e como assistente de pesquisa em um grupo de estudos sobre dilemas éticos do ensino para crianças com uso de inteligência artificial.

Se um requisito obrigatório para dar um passo fora do Brasil é o domínio de uma língua estrangeira, é fundamental que essa capacidade seja desenvolvida o quanto antes. “Eu não gostava de inglês, não aprendia de jeito nenhum. E um amigo sempre me dizia – não se forme sem falar inglês”, lembra Rafael Culler, paulista que cursou Eletrônica Automotiva na Fatec Santo André e repete o conselho a quem pergunta sobre sua experiência profissional.

Rafael começou a trabalhar no último ano do curso de tecnologia com desenvolvimento e testes, na Volkswagen, em São Bernardo do Campo, na Região do ABC. Na época, chamou colegas para montar uma equipe que foi composta só por



Bruno: em Montana, nos Estados Unidos, trabalha e vive em uma fazenda de grãos



Gabriel: trabalho e pesquisa em uma universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos

ex-alunos da Fatec. Formado tecnólogo, partiu para outra graduação, agora em Engenharia Eletrônica. E, da VW, foi para a Fiat, em Betim, Minas Gerais. Em 2022, um salto sobre o oceano: surgiu a oportunidade de uma vaga na Volvo Cars, em Gotemburgo, segunda maior cidade da Suécia, onde vive há um ano e meio.

No CPS, dos 87 cursos superiores de tecnologia, em 75 o inglês e, em 17, o inglês e o espanhol são disciplinas obrigatórias. De acordo com Mariane Teixeira, coordenadora do eixo de Línguas e Projetos Internacionais das Fatecs, vinculado à Unidade do Ensino Superior de Graduação (Cesu), a carga horária e o desempenho dos alunos nessas matérias seguem padrões internacionais da comunidade europeia. “Trabalhamos não só leitura e escrita, mas, principalmente, a fala, a comunicação”, diz a educadora.

Para além da matriz curricular, são muitas as ações que envolvem a prática de idiomas com interações internacionais e trabalho colaborativo entre brasileiros e estrangeiros, visitas de

professores estrangeiros e intercâmbios pedagógicos. Um exemplo de prática bem-sucedida é a abordagem Collaborative Online International Learning (COIL), em que o CPS se tornou referência mundial, relata Osvaldo Succi Jr., coordenador de Projetos Internacionais da Cesu. “Os alunos fazem projetos em conjunto com estudantes de outros países, em um período de quatro a oito semanas, cumprindo etapas de planejamento, interação quebra-gelo, exploração da cultura, tarefa principal e avaliação”, explica Succi. Um caso recente que ilustra a dinâmica: alunos da Fatec Praia Grande fizeram testes e análises em um sabonete desenvolvido por estudantes de uma faculdade da África do Sul.

A Cesu realiza ainda, a cada dois anos, o Congresso Brasileiro de Línguas na Formação Técnica e Tecnológica (CBTeCLE). Durante a pandemia, o evento, que reúne dezenas de educadores, pesquisadores e estudantes, aconteceu por meio de uma plataforma digital. Este ano, será retomada a edição presencial, em setembro. “Vamos receber palestrantes da Armênia e da Colômbia. Também teremos a participação online de um convidado dos Estados Unidos”, informa Succi.

É esse contato com diversas culturas e outras realidades sociais e econômicas que expande a visão dos estudantes e estimula o empenho em atravessar fronteiras no mercado de trabalho. Nas Fatecs, os novos horizontes se abrem, ainda no período escolar, levando muitos jovens, além dos personagens desta reportagem, a acreditar em seu talento e aproveitar as oportunidades de exercer todo o seu potencial no cenário global. ■

Sobrevivente de Hiroshima promove a educação em São Paulo



Takashi Morita é um dos milhares de japoneses que vieram para o Brasil em busca de um futuro melhor, após a Segunda Guerra Mundial. Estabelecido no novo país, ele criou uma associação que trabalhou em apoio à Educação Profissional na zona sul da cidade de São Paulo. Por isso, uma Escola Técnica Estadual (Etec) do Centro Paula Souza (CPS), localizada no bairro de Santo Amaro, na Capital, leva o seu nome. Só por esse motivo, já se vê que esse imigrante não é uma pessoa comum. Porém, sua vida é ainda mais extraordinária, como conta nesta entrevista a historiadora Yasuko Saito, sua filha.

Atualmente com 99 anos, Morita sobreviveu à hecatombe da bomba atômica lançada em sua cidade natal, Hiroshima, em 1945 (ver quadro na página 9). Sua esposa também é uma *hibakusha*, expressão japonesa para as vítimas dos ataques nucleares realizados pelos Estados Unidos contra o Japão. Na juventude, Morita só recebeu autorização de seu pai para estudar se fosse um curso que lhe desse um ofício. Hoje, ele é patrono de uma Escola Técnica. Vamos conhecer essa memorável história de superação.

Quem era Takashi Morita na juventude? Como era a sua vida em Hiroshima?

Meu pai pertencia a uma família modesta. O pai dele entendia que os estudos serviam tão somente para se obter uma profissão e começar a trabalhar o

quanto antes. Assim, aos 17 anos meu pai se tornou relojoeiro. Mas ele queria estudar mais. E frequentou outros cursos, por sua conta e risco, chegando até a trabalhar como professor, dando aulas em uma escola primária. Com essa forma de pensar, ele fez questão que nós, os filhos dele, tivéssemos estudo. E tanto eu quanto meu irmão temos curso superior. Eu fiz História e meu irmão, Arquitetura.

Na época da Segunda Guerra Mundial ele foi convocado pelo exército?

Sim, quando fez 18 anos, ele foi para a base aérea, trabalhar como mecânico. Veja que engraçado... achavam que ele entendia de engrenagens, já que consertava relógios! De lá, ele se interessou pela carreira militar. Foi para Tóquio fazer uma formação e depois escolheu voltar a Hiroshima para prestar serviços. Era lá que ele estava, no dia 6 de agosto de 1945, quando a bomba explodiu.

Como foi esse dia? Onde ele estava na hora que a bomba estourou?

Meu pai conta que chegou ao quartel que fica a 800 metros do epicentro da explosão. No entanto, foi designado para escoltar um grupo de soldados que iria cumprir uma missão fora da cidade. Antes de sair com a escolta, chegou a conversar com colegas que morreram instantaneamente, praticamente desintegrados. No local onde ele estava, a onda de radiação o pegou por trás. No momento do estouro, ele estava de costas para o epicentro. E vestido com uma farda grossa e chapéu. Por isso, queimou apenas as partes que estavam mais expostas, pescoço e atrás da orelha. Como estava relativamente bem, ele decidiu voltar ao quartel para entender o que estava acontecendo e ajudar as pessoas.

Sua mãe também foi atingida pela radiação?

Por sorte, minha mãe estava dentro de um prédio. Também de costas para o epicentro. Mas de costas para uma grande janela de vidro que se estilhaçou. Ela teve ferimentos por cortes de vidro quebrado. Eles ainda não eram casados. Casaram um ano depois que terminou a guerra.

Então eles já vieram juntos para o Brasil?

Sim. Aqui, ao contrário da maior parte dos imigrantes, que ia para a lavoura, eles optaram por ficar na cidade. E fizeram contato com outros conterrâneos, também vítimas das bombas. O grupo foi crescendo, se organizando, para reivindicar apoio junto ao governo japonês. Dessa articulação nasceu a Associação de Vítimas das Bombas Atômicas no Brasil. Essa associação tinha muitos relacionamentos com a comunidade.

Foi assim que se aproximaram da Etec?

Os professores da região nos procuravam para fazer palestras para os alunos, contar sobre o Japão,



Yasuko Saito (centro), com os pais, Junko Watanabe e Takashi Morita

sobre a guerra, sobre os efeitos das bombas. Um dos professores da Etec ficou muito próximo de nós e nos prestou essa linda homenagem, que foi ter o nome do meu pai na escola. Temos um enorme carinho pela Etec. Tanto que, todos os anos, meu pai faz questão de comemorar seu aniversário com os alunos e professores de lá. Este ano, os jovens fizeram uma peça teatral contando a vida dele. Foi muito emocionante! ■



Takashi autografou seu livro sobre Hiroshima para estudantes da Etec

Ataques nucleares destroem Hiroshima e Nagasaki

Em agosto de 1945, duas cidades japonesas foram destruídas por bombas de urânio lançadas pelos Estados Unidos, que, com esses ataques, conseguiram provocar a rendição do Japão na Segunda Guerra Mundial. Foi a primeira vez que o mundo viu uma ofensiva de tamanha letalidade contra alvos humanos civis. Estima-se que foram mortas 140 mil pessoas em Hiroshima e 74 mil em Nagasaki. A maioria dos sobreviventes teve queimaduras gravíssimas ou recebeu altas doses de radiação e teve de conviver com doenças graves pelo resto da vida.

Takashi Morita conta como foi o dia do ataque à sua cidade no livro "A última mensagem de Hiroshima: O que vi e como sobrevivi à bomba atômica", editado pela Universo dos Livros, em 2017.



Formação *profissional* *ética*, humanizada e de **qualidade**

O 1º Fórum Desenvolvimento Humano e Mundo do Trabalho do Centro Paula Souza (CPS) surge para promover o debate sobre o papel do desenvolvimento humano na sociedade, compreender os significados do pensamento crítico e das competências socioemocionais na formação integral, considerando as características e especificidades da educação profissional e tecnológica. Também aprendemos mais sobre o desenvolvimento de valores humanos por meio de abordagens integrativas baseadas na natureza e as perspectivas para cultura, saúde e educação.

Um debate rico sobre inteligência artificial, pensamento crítico, competências socioemocionais, convivência com a natureza e atividades formativas em saúde ecológica integrativa. Precisamos compreender qual o impacto da “alfabetização midiática e informacional” e da “alfabetização no convívio e integração com a natureza” sobre o mundo do trabalho.

Para formar profissionais de qualidade é preciso compreender as transformações econômicas e sociais, as novas visões sobre ingresso e permanência no mercado, mobilidade e globalização dos empregos. Qual o papel das competências socioemocionais? Responder às mudanças comportamentais a partir dos avanços da tecnologia, das perspectivas inovadoras de desenvolvimento local e da melhoria da qualidade de vida. A qualificação profissional baseada em

competências socioemocionais é uma necessidade, tendo em vista melhorar a qualidade e fomentar uma nova atuação social.

O CPS contribui com esse processo incentivando a formação e as práticas que atendem essas novas demandas de desenvolvimento socioeconômico. Dar um caráter sistemático ao desenvolvimento das habilidades socioemocionais e valorizar as intervenções planejadas, executadas e avaliadas com transparência, fomentar a nova economia local são práticas que devemos fortalecer em nossas unidades.

O desenvolvimento humano pode ser definido como uma forma de medir a qualidade de vida no meio em que se vive, sendo uma variável chave para a classificação de um país ou região. É a aquisição, por parte dos indivíduos, comunidades e instituições, de competências para participar da construção de uma sociedade próspera tanto no sentido material como imaterial (ético, espiritual, relacional, individual etc.). De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o desenvolvimento humano integra aspectos relativos ao desenvolvimento social, econômico e sustentável.

O conceito de desenvolvimento humano nasceu como um processo de ampliação das escolhas das pessoas para que elas tenham capacidades e oportunidades para ser aquilo que desejam. Diferente da visão do crescimento econômico, que vê o bem-estar de uma sociedade apenas pelos recursos materiais, a perspectiva de desenvolvimento humano enxerga as pessoas, as oportunidades e as capacidades. Partimos do pressuposto de que para o avanço na qualidade de vida de uma população é preciso ir além do viés puramente econômico e considerar outras características sociais, culturais e políticas que influenciam a qualidade da vida humana. ■

Judith Terreiro, coordenadora de Projetos do Centro de Capacitação Técnica, Pedagógica e de Gestão, da Unidade do Ensino Médio e Técnico (Cetec)





Cursos *levam profissão e esperança a quem recomeça a vida*

Retomar a cidadania depois de cumprir uma pena em regime prisional é um direito de todo brasileiro, conforme prevê a Constituição. No entanto, os desafios desse recomeço de vida são muitos, a começar por conseguir um trabalho digno, que permita à pessoa seguir em frente, sem recaídas em novos delitos. Uma iniciativa criada para apoiar essa retomada tem como parceiro o Centro Paula Souza (CPS).

Trata-se do programa Diversidade à Mesa, implantado em 2017 pela Secretaria de Administração Penitenciária (SAP), que oferece formação profissional nos segmentos de alimentação e hospitalidade para pessoas LGBTQIA+ presas, egressas, em cumprimento de alternativas penais e seus familiares. O programa abrange três dimensões: “Oficinas de promoção da cidadania e dos direitos humanos; atividades práticas e vivência profissional”, explica o coordenador André Luzzi de Campos, da SAP.

Os conteúdos vão além dos aspectos técnicos de culinária, promovendo também reflexões sobre ética, segurança no trabalho, questões sociais e afetivas. “Os instrutores pedem aos alunos que sugiram receitas, a partir de suas memórias afetivas, como pratos que comiam na infância, nas casas de tias e avós. Essas receitas são a base para o diálogo, tornando o aprendizado mais significativo para eles”, conta Marisa Aparecida de Souza, coordenadora técnica da Unidade de Formação Inicial e Educação Continuada (Ufiec).

O CPS participa, no âmbito da qualificação básica, com a contratação dos instrutores, o material didático, a aquisição dos insumos e a emissão de certificado. Em 2022, foram feitos cursos de ajudante de cozinha para duas turmas de pessoas cumprindo pena em regime aberto ou egressos de unidades masculinas do sistema penitenciário do Estado de São Paulo. Chefes profissionais e educadores alimentares foram convidados como instrutores das aulas ministradas por 12 dias, no total de 60 horas.

“Nossa expectativa é de que o programa se amplie, aumentando o número de atendimentos em 2023”, diz Campos. No primeiro semestre, com início previsto para maio, três novas turmas vão atender a unidades no interior do Estado: Gália, Tupi Paulista e Pacaembu. A novidade é que, desta vez, serão alunos que cumprem regime fechado e uma das turmas, de Tupi Paulista, é uma unidade feminina. ■



Seguir

Secretário Agopyan assume cargo no Conselho Deliberativo

O engenheiro e educador Vahan Agopyan, secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo, pasta à qual o Centro Paula Souza (CPS) está vinculado, assumiu, em março, uma vaga como membro titular do Conselho Deliberativo (CD) da instituição. Com mandato de quatro anos, permitida a recondução, ele vai participar diretamente das instâncias decisórias relacionadas ao funcionamento e à construção de diretrizes do CPS.

O Conselho Deliberativo é composto por “pessoas de notória capacidade na sua área de atuação”, representantes das áreas econômicas primária, secundária e terciária, e por professores universitários das respectivas áreas. Cabe ao CD elaborar normas e zelar pelo cumprimento do Regimento Interno, propor políticas educacionais, aprovar contratações e convênios, entre outras medidas para o bom funcionamento das Escolas Técnicas (Etecs) e das Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais. Presidente do Conselho Deliberativo e diretora-superintendente do CPS, Laura Laganá afirmou que Vahan “tem vasta experiência no meio acadêmico e poderá contribuir imensamente na discussão de temas pertinentes à instituição”.



Etecs despontam entre os aprovados nas públicas

Mais uma vez, como ocorreu em anos anteriores, a quantidade de estudantes das Escolas Técnicas Estaduais (Etecs) que conquistaram um dos concorridos lugares nos vestibulares de ensino público superior chama a atenção: 2.597 etecanos passaram nos processos seletivos de faculdades e de universidades estaduais e federais, por todo o País. Desses, 2.109 alunos foram aprovados em instituições paulistas, e 488 em instituições de outros estados ou federais.

É fundamental lembrar que, entre os novos calouros, estão jovens batalhadores, que cursaram o Ensino Médio enfrentando grandes desafios, como o ensino remoto e o isolamento social, durante a pandemia. Mesmo assim, muitos alcançaram as primeiras colocações. Um caso exemplar foi o de Ana Laura Cardoso, que fez o Ensino Médio e o curso técnico de Administração na Etec Prof. Ídio Zucchi, localizada em Bebedouro, na Região de Barretos. Ela arrebata nada menos do que dois primeiros lugares: no curso de Física, na Universidade de São Paulo (USP), e em Engenharia Mecânica, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).



ESPECIAL Febrace 2023 - Etecs premiadas



#Etec Polivalente (Americana)

A escola faturou quatro prêmios! 🏆 2º lugar na categoria Engenharia da Febrace; prêmio do Conselho Regional dos Técnicos Industriais de São Paulo; prêmio da Associação dos Engenheiros Politécnicos e destaque do Instituto 3M. As alunas @Letícia Percio Miguel, @Lívia Colossal Rodrigues e @Maria Clara Leme Trindade venceram com o Bioconcreto 🏠, um cimento auto-regenerativo por meio da proliferação da bactéria bacillus subtilis 🦠.



#Etec de Monte Mor

O MDFolhas, das alunas @Nataly Ferreira Novaes, @Sarah Alves de Alcantara e @Yasmin Victoria Pereira Morales, é um projeto de otimização 📈 do mdf tradicional, material feito à base de pinus 🌲, com importante impacto ambiental. As meninas conquistaram 🏆 o 4º lugar na categoria Ciências Sociais Aplicadas da Febrace e o 2º lugar no prêmio Destaque da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).



#Etec Bento Quirino (Campinas)

Descarte correto de medicamentos 💊, incluindo uma proposta para tornar essa prática acessível para pessoas com deficiência visual 🦯. Esse é o projeto A.FLEMING 28, 3º lugar na categoria Ciências da Saúde da Febrace. Os jovens @Anita Fernandes de Siqueira, @Esthefani Ruivo Araujo e @Matheus Thomaz Moura do Nascimento criaram um totem de descarte 🗑️ que emite sons e vibrações.